



A LITERATURA EM MÃOS DO SUL

Juliana Campos Alvernaz¹

1 INTRODUÇÃO

*O sol o sul o sal
as mãos de alguém ao sol
o sal do sul ao sol
o sol em mãos do sul
e mãos de sal ao sol*

*O sal do sul em mãos de sol
e mãos de sul ao sol.*
(CARVALHO, 1976, p. 5)

Ruy Duarte de Carvalho (1941-2010) é um escritor, poeta, cineasta e antropólogo angolano que dedicou, em todos os seus multifacetados ofícios, uma parcela da vida a estudar e conviver com os pastores Kuvale, sociedade pastoril nômade do sudoeste de Angola, entre as paisagens do deserto do Namibe. Os pastores são constantes interlocutores e personagens nas narrativas de Ruy Duarte de Carvalho. Esta interlocução torna-se relevante para compreender certos procedimentos narrativos e a quase obsessão do autor angolano pelas paisagens do Sul.

No fragmento do poema “O Sul”, em epígrafe, vemos um movimento circular promovido por repetição e diferentes combinações dos vocábulos *sul*, *sol* e *sal*, aliterações que sugerem uma metáfora para a apreensão do deserto, lugar frequentado nas viagens antropológicas e literárias de Ruy Duarte. A junção do *sol* e do *sal* remete ao espaço geográfico do *sul* e a reiteração desses vocábulos nos leva ao desmedido espaço desértico do Namibe, o qual se estende do Sudoeste de Angola até às margens do rio Cunene. Esses aspectos contribuem para uma representação do espaço revisitado pelo autor em suas narrativas, sugerindo uma atenção especial a esse local, bem como um pertencimento ao Sul do sujeito poético². Tal pertencimento permeia, de certa forma, a arte poética e em prosa do escritor angolano, visto que há recorrência de elementos do contexto geográfico e

¹ Doutoranda em Literatura, Cultura e Contemporaneidade na PUC-Rio. Mestra em Estudos de Literatura pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Graduada em Letras Português-Literaturas pela UFF. E-mail: jcalvernaz@id.uff.br.

² Cf. **Venho de um sul** in *A decisão da idade*, 1976.

sócio-histórico do sul de Angola. Pensando nessas questões em diálogo com o espaço, surge aqui o interesse de refletir sobre a configuração do Sul, nos termos de Boaventura de Sousa Santos³, e seus efeitos na produção duartiana, que fala do e para esse Sul às margens, com um destaque para o romance *Os papéis do inglês* (2000), primeiro volume da trilogia *Os filhos de Próspero* e o livro de crônicas/relato de viagem/ensaios com cunho ficcional *Desmedida – Luanda – São Paulo – São Francisco e volta* (2007).

2 O AUTOR-NARRADOR EM OS PAPÉIS DO INGLÊS

No romance *Os papéis do inglês*, o narrador-personagem, que se reconhece como o próprio Ruy Duarte de Carvalho (CARVALHO, R., 2007, p. 36), faz uma viagem em busca de uns papéis que poderiam ter a explicação para o surto de um caçador de elefantes chamado Perkins, ocorrido em 1923 na beira do rio Kwando, em Angola, em que ele mata tudo ao redor e, por último, a si mesmo. O autor parte da crônica de Henrique Galvão “O branco que odiava as brancas” (1929)⁴, a qual relata, de maneira sucinta, a ira do Sr. Perkins e a justificava pelo ódio que o protagonista possuía pelas brancas. Segundo o narrador de *Os papéis de inglês*, a história de Galvão possuiria carência de detalhes e, por isso, ele acrescenta elementos ficcionais à crônica. O autor cria, assim, uma nova “roupagem” para o Sr. Perkins, o qual, na sua trama, chama-se Archibald Perkins, e o identifica como antropólogo londrino antes de se tornar caçador de elefantes. Dessa maneira, o romance apresenta dois planos narrativos: o primeiro consiste nos relatos de viagem do narrador-personagem à procura dos papéis do inglês e o desencadeamento da criação da estória⁵ do Perkins; já o segundo plano seria esta estória, ou seja, da trama do inglês.

Considerando o primeiro plano narrativo do narrador como personagem, percebe-se que o autor busca a verdade na ficção, bem como a si mesmo no personagem construído. Essa busca, portanto, se dá por meio de procedimentos de um pacto

³ “Regiões periféricas e semiperiféricas e países do sistema mundo moderno, que se foram denominados de terceiro mundo, após a segunda guerra.” (SANTOS, 2010, p. 34)

⁴ Do Livro *Em terra de pretos* (1929), de Henrique Galvão.

⁵ O termo “estória” foi escolhido no presente artigo, pois Ruy Duarte de Carvalho o usa, assumidamente na esteira de Guimarães Rosa, para diferenciar da História com H maiúsculo.

ambíguo de leitura, como se o leitor, usando a analogia de Paul de Man (2012), ficasse preso em uma catraca que divide a ficção da autobiografia. E nessa escrita em constante construção do personagem Archibald Perkins, há um espelhamento do autor-narrador neste. Para citar alguns exemplos: ambos são antropólogos; há trechos que podem facilmente ser confundidos, como a relação perturbadora de ambos com o pai e a relação conturbada com as mulheres. Há, portanto, em alguns momentos, uma confusão dos planos narrativos, tanto para o leitor quanto para o autor, como é possível notar nesta reflexão do autor-narrador: “Ou então não era eu que vinha ali, era o sujeito da minha própria ficção” (CARVALHO, 2007, p. 109). Essa frase sucede uma elucubração sobre a morte do grego, mas, na verdade, disfarça um desejo do autor-narrador de matar o primo Kaluter⁶.

Os papéis do inglês, de certa forma, não possui como elemento principal o mistério do suicídio dos protagonistas. Antes disso, podemos afirmar que a própria construção da narrativa ocupa a maior parte do livro. A partir disso, conclui-se que o romance consiste em uma metanarrativa repleta de intertextualidade, visto que o autor-narrador-personagem desnuda o próprio processo de escrita, mostrando pastiches e releituras de outros textos. Segundo o escritor angolano, a encenação da escrita seria uma estratégia da autoficção:

Autoficção é ... uma modalidade literária que ... recorre à ficcionalização da vida pessoal do autor. Enquanto o texto ... autobiográfico tenderia a tratar acontecimentos pessoais a coberto de personagens fictícias, a autoficção faria viver acontecimentos fictícios, 'ou pelo menos fantasmados', por personagens reais. Passagem do aspecto estático ao aspecto dinâmico da ficção. Em lugar de representação, apresentação. Quer dizer, se bem entendendo, fidelidade ao presente, mais que ao passado. E presente é a obra, o texto a não tratar senão de si mesmo, 'narrando as condições da sua própria elaboração', exibindo a sua própria dissecação. (CARVALHO *apud* MICELI, 2013, p. 91)

Diana Klinger (2012) afirma que a autoficção se assemelha à *performance*, entendida como o que “deixaria ver o *caráter teatralizado* da construção da imagem de autor” (Klinger, 2012, p. 50), visto que os dois conceitos manifestam uma escrita em construção (*work in progress*), “como se o leitor assistisse ‘ao vivo’ ao processo

⁶ Em minha dissertação de mestrado, com o título *Onde mais te vês é lá que mais te diz* (2018), chamei este movimento de Imagem dupla, termo escolhido a partir de uma digressão do autor-narrador em *Os papéis do inglês*: “Os óculos bifocais, pousados à minha frente enquanto uso os de ver só ao pé, devolvem-me a *imagem dupla*, e deformada pela curvatura das lentes, de um sujeito de barbas brancas que escreve debruçado sobre um caderno... até quando?” (CARVALHO, 2007, p. 60, grifo nosso).

de escrita” (p. 50). A encenação da escrita, portanto, seria correspondente, de certa forma, ao *work in progress*, já que o leitor acompanha o progresso da escrita do autor-narrador. O narrador coloca explícito os procedimentos de construção narrativa, bem como os revestimentos de realidade, como as citações e as referências bibliográficas no final do livro. Além de se reconhecer como próprio autor do livro, o autor-narrador encena a elaboração da ficção:

Será da minha ação enquanto personagem, assim, que resulta essa outra estória que é, afinal, a da minha elaboração da própria estória do Galvão. Vou ter que *Contar-me*, tratar-me, pois, enquanto personagem dessa estória. (CARVALHO, 2007, p. 36)

Em síntese, considerando o primeiro plano narrativo do narrador como personagem, percebe-se que o autor, enquanto assinatura, busca a verdade na ficção, bem como a si mesmo no personagem construído. Essa busca, portanto, se dá por meio de procedimentos autoficcionais, como o espelhamento e o *work in progress*.

Dobrovski diz que escrever sobre si é inevitavelmente escrever sobre o outro (FAEDRICH, 2015, p. 52). Invertendo essa lógica causal, também é possível dizer que escrever sobre o outro é inevitavelmente escrever sobre si. Em consonância com Moraes, essa estratégia da imagem dupla permite pensar em si mesmo enquanto penso o outro: “este recurso a duplos parece sugerir que perceber a si envolve fazer-se outro. Ou seja, se ao falar do outro digo de mim, apenas tomo contato com minha própria existência na relação de alteridade e configurando ‘outros’”⁷. O “Outro” surge informado pela encenação de uma etnografia.

Sobre essa forma gráfica de delimitar o “Outro”, torna-se relevante consultar o artigo “Tempo de ouvir o ‘outro’ enquanto o “outro” existe, antes que haja só o outro... ou pré-manifesto neo-animista” (2008b), em que Ruy Duarte de Carvalho define três diferentes tipos de Outros. O primeiro é o *Outro*, em itálico, que remete à ex-metrópole, aos descendentes de ex-colonizados e fazem parte as populações nacionais dessas ex-metrópoles. Por causa do fenótipo e da cultura, distinguem-se da massa dominante. A segunda definição é o ‘Outro’, entre apóstrofes, pertencente

⁷ Colocação embasada na fala da Prof^a Dr^a Anita Martins de Moraes, a qual afirma que a presença ostensiva de outros textos e referências provoca um boicote à ilusão de acesso à realidade. A comunicação intitulada “**Repensando a mimesis: realidade e discurso na trilogia *Os filhos de Próspero***” foi apresentada no colóquio *Diálogos com Ruy Duarte de Carvalho*, em Lisboa. Áudio disponível em <http://www.buala.org/pt/ruy-duarte-de-carvalho/dialogos-com-ruy-duarte-de-carvalho-painel-ii>. Acesso em 02 de nov. 2018.

ao grupo do ex-colonizado ocidentalizado, com o qual o Ocidente lida nas ex-colônias. Por último, há o “Outro”, entre aspas, propriamente dito. Este integra o grupo que mantêm usos, práticas e comportamentos pouco ocidentalizados, isto é, eles não estão inseridos no modo de vida ocidental. Esse último grupo, o “Outro”, é o que desperta o interesse do escritor, dentre outras coisas, por ser alvo de pressão ocidentalizante. Essa grafia será a adotada no decorrer do artigo para designar o “Outro” presente nas narrativas escolhidas: os pastores Kuvale.

3 O “OUTRO” EM OS PAPÉIS DO INGLÊS

As narrativas duartianas e suas formas de lidar com o colonialismo nos fazem pensar nas relações de poder concernentes à esfera Norte-Sul como uma forma vertical de contato. A pesquisadora Mary Louise Pratt (1999b) chama de *zona de contato*, “o espaço onde povos que estavam separados geograficamente e historicamente entram em contato e estabelecem relações duradouras, envolvendo normalmente a coerção, a desigualdade racial e o conflito quase incontrolável” (PRATT, 1999b, p. 30). Para pensar a relação que ocorre nesse espaço, Pratt investiga relatos de viagens surgidos a partir do século XVIII, pensando de que forma eles reafirmam, sob máscaras, o pensamento colonial. E para refletir sobre esses relatos, ela assume que a viagem, neste caso, é encenada como *anticonquista*. As narrativas de *anticonquista*, como o relato do naturalista e viajante romântico, neutralizam a presença europeia em vez de mostrá-la como invasão. Os discursos dessas narrativas possuem focos diferentes da expansão de território; sob a máscara de conhecer novos elementos da natureza, por exemplo, essas narrativas fazem um movimento de abrandamento da brutalidade colonial. Essa definição permite considerar se o relato etnográfico também seria um tipo de narrativa de *anticonquista*, visto que a intenção marcada é de “fazer ciência”, mostrar como outras sociedades vivem, mas abrandando relações coloniais e de poder que, inclusive, acontecem no diálogo entre antropólogo e “nativo”.

Observamos que o narrador-etnográfico de *Os papéis do inglês* – de certa forma, à contrapelo do clássico etnógrafo à serviço da metrópole – critica as relações de poder, pois Ruy Duarte de Carvalho parte de uma história aparentemente verídica, já contada por Henrique Galvão e Luiz Simões, e insere uma personagem na história, o Ganguela do Coice, o qual seria avô de Paulino, o amigo assistente. O Ganguela

do coice possui certo protagonismo, sendo parceiro e ajudante de Perkins durante sua estadia naquele local – hoje território da Zâmbia. O Ganguela se torna central na trama, já que os papéis do inglês procurados pelo autor-narrador foram por ele guardados. Sendo assim, *Os papéis do inglês* reformula uma história colonial, molda uma nova perspectiva para a crônica do branco que odiava as brancas, bem como evidencia aspectos ignorados pelo pensamento colonial.

De forma explícita, Ruy Duarte de Carvalho diverge da narrativa de *anticonquista* ao denunciar a hierarquização da cultura em uma de suas “argumentações flutuantes”⁸ que irrompem na narrativa:

Mas o iluminismo e o evolucionismo estão implícitos em toda a produção ideológica e intelectual que vigora e ainda e sempre omnipresentes e dominantes, cientes já dos seus maiores pecados do passado, na aferição da qualidade dos homens segundo escalas físicas, primeiro, e depois segundo uma hierarquização das culturas, mas a fundamentar o mesmo espírito de império, ainda quando disfarçados de um igualmente abjecto paternalismo que confere a uns o direito de decidir, benemérita e providencialmente, pelos outros e em nome dos outros, os ignorantes e os atrasados, os coitados. E esses uns e outros somos todos nós, uns para os outros e por aí fora e sempre em função do ganho do outro. (CARVALHO, 2007, p. 151)

A ironia duartiana marca uma crítica ao espírito do império, de decidir pelo “Outro”, tido como atrasado, espírito que ainda vigora no presente. Para refletir sobre as relações de poder e de que forma se projetam na relação dialógica “Outro-Eu”, consideraremos que a relação Norte-Sul está atrelada à relação “Eu-Outro”. A Sul-Sul está para uma perspectiva diferente do “Eu-Outro”, como se estivesse em um “entre”, principalmente na obra de Ruy Duarte de Carvalho, em que ele parece até mesmo pertencer àquelas paisagens pastoris:

Não adiantará sequer tentar explicitar que esta rendição cega às razões e aos programas da ocidentalização sem ter em conta as especificidades locais se traduz também por uma rendição às estratégias e aos interesses das elites ocidentalizadas que detêm o poder através de todos os regimes a que se vão sucessivamente adaptando, a ponto de nos vermos sempre perante os mesmos actores e os mesmos procedimentos, inclusive os da produção e da imposição das versões de ‘cultura’, de memória, de juízo e de interpretação do ‘político’, de produção e imposição de um ‘pensamento social’ adaptados à manutenção e à reprodução das vantagens que detêm. (CARVALHO, 2008a, p. 92)

⁸ Termo de ORNELLAS, 2009, p. 195, usado para se referir às desmedidas digressões de Ruy Duarte de Carvalho nas narrativas.

4 EPISTEMOLOGIAS DO SUL EM *DESMEDIDA*

Desmedida, como um relato de viagem (ou crônicas, ensaios), nos faz pensar sobre a presença desse gênero em *Os papéis do inglês*. A narração da viagem, do deslocamento dos autores-narradores, indica, além de aspectos de romance de aventura, uma metáfora, pois o movimento da viagem espacial sugere também uma viagem para o conhecimento de si mesmo, dissimulada na viagem metafórica pelo conhecimento de outros. O sociólogo brasileiro Octavio Ianni (2003), ao discorrer sobre a viagem como metáfora, indica que a viagem, seja de forma denotativa ou conotativa, é articulada tanto para descobrir o “Outro” quanto para desvendar o “Eu” (IANNI, 2003, p.13). Como considera Ianni, “sob vários aspectos, a viagem desvenda alteridades, recria identidades e descortina pluralidades” (IANNI, 2003, p.14). Sendo assim, o eu-narrador se move para transformar a si mesmo, a partir de uma experiência dialógica.

Em *Desmedida*, Ruy Duarte faz algumas ponderações sobre sua interlocução com os pastores. Apesar de assumir também o papel do etnógrafo, vai além e busca pensar e viver com os pastores a partir de uma simetria de posição e fazer, inclusive, o inverso do que a etnografia tem feito, propondo falar do mundo ocidental aos pastores: “E não terá chegado para mim, também, o tempo de pôr-me agora é a falar do mundo para pastores, em vez de andar a falar de pastores para o mundo?” (CARVALHO, 2010, p. 282). Nesse sentido, esse livro é dividido em duas “metades”. A primeira volta-se para um compêndio de crônicas com paisagens brasileiras, sua viagem, encontros, a história do Brasil e o país como paisagens semelhantes às de Angola. A segunda metade consiste na viagem de Ruy Duarte de volta à Luanda (e depois para o Sul de Angola), onde ele propõe falar do Brasil aos pastores, como vemos nesta passagem em que o autor, hipoteticamente, explica o processo de independência do Brasil para os pastores – representados pela figura do Paulino –, que, por sua vez, lutaram nas guerras de independência de Angola:

Mas então quem é que estava a lutar por essa independência do Brasil, eram os brancos? – Pois aí que está a dúvida. Eram sim, Paulino, conforme a estória que andei a ouvir contar. E por isso é que essa estória não acaba assim. Foi muito diferente da nossa luta aqui. E a gente, cá, e os brasileiros, lá, falamos de independência ou falamos de democracia e parece que estamos todos é a falar da mesma coisa. E afinal não é. E fica difícil explicar Angola lá, e o Brasil aqui, muito embora tenha sido Portugal a colonizar os dois. (CARVALHO, 2010, p. 235-236)

O autor vem de outro Sul, com a bagagem de leitura brasileira, e vai ao encontro de uma contemporaneidade obstruída por todas as contradições que há no mundo (CHAVES, 2012, p. 150). Em vista desse processo, Rita Chaves indica que há três viagens diferentes atravessadas em *Desmedida*: “o percurso que ele realiza no plano físico – pelo território brasileiro, o que faz ela [a viagem] via da leitura e o que opera seu próprio texto, incorporando Angola como tema e destinatário de sua falta através da figura do Paulino” (CHAVES, 2012, p. 152) e dos pastores. Dessa forma, ao viver e contar o Sul, “Ruy Duarte configura para si uma dicção literária própria e extremamente particular que procura construir uma identidade, mas uma identidade plural, que se faz sempre em contato com o OUTRO, o não ocidental” (MOLINA, 2015, p. 2).

Como um projeto de escrita, Ruy Duarte de Carvalho parece sugerir que a construção e o percurso do conhecimento literário não sejam feitos somente por vias ocidentais, mas que haja um desvio desse paradigma, desenvolvendo-se um olhar que abrangesse as margens e o centro. Para pensar essa questão será relevante resgatar o programa do pensamento pós-abissal proposto por Boaventura de Sousa Santos (2010), visto que há um posicionamento similar sobre a construção do conhecimento. Dessa forma, o pensamento pós-abissal pode ser resumido como “um aprender com o Sul usando uma epistemologia do Sul” (SANTOS, 2010, p.44) e tem como premissa o “reconhecimento da existência de uma pluralidade de formas de conhecimento além do conhecimento científico” (SANTOS, 2010, p. 45). O ponto de chegada para o estudioso português, portanto, seria a ecologia dos saberes. De forma semelhante, Mary Louise Pratt (1999b) convida para uma descolonização do conhecimento, que “inclui o dever de compreender as maneiras pelas quais o Ocidente (a) constrói seu conhecimento do mundo em linha com suas ambições econômicas e políticas, e (b) subjuga e absorve os conhecimentos de outros e as capacidades produtoras de conhecimento de outros” (PRATT, 1999b, p. 22). Pratt e Santos usam termos diferentes para abarcar um referente semelhante, a desconstrução do pensamento colonial. Ruy Duarte de Carvalho, como etnógrafo, estuda a sociedade Kuvale e, a partir desse contato, indica novas formas de pensamento, principalmente de combate ao silenciamento das culturas pastoris, pensando em uma interlocução.

Por essa presença constante de interlocução com os pastores, pode-se afirmar que a sugestão de uma nova via para a construção de conhecimento seria um projeto que atravessa a obra duartiana. Seguindo, ainda, esse plano literário e antropológico de fazer com que as culturas tradicionais de Angola não sejam silenciadas pelo e no Ocidente, é relevante destacar o *Decálogo neo-animista* (2009), em que Ruy Duarte de Carvalho expõe criticamente a nossa forma ocidentalizada de ver o mundo como devedora de uma concepção antropocêntrica. O autor sugere, então, que existam outros paradigmas interessantes além do ocidental e questiona a ideia de humano proposta por essa matriz para, depois, propor uma recuperação de modos de viver outros, que não sejam o que denomina “humanista”:

A intervenção neoanimista, reconhecendo embora que a dinâmica do paradigma humanista se impõe, impôs e imporá a toda a terra habitada e desabitada [...] propõe convocar, para recuperação e adequação ao todo do destino do homem a haver, ações, entendimentos e políticas fundamentados em outros paradigmas igualmente produzidos pelas culturas dos homens, mais a convocação de todos os saberes disponíveis, reconhecidos ou não, inclusive saberes que decorrem de produções humanistas para além daquelas que se situam nos domínios das ciências e das ideologias, como é o caso das sabedorias e das poesias. Os neoanimistas sabem também que a dinâmica transformativa própria da espécie é património da própria espécie e não apenas daqueles que o paradigma humanista produz ou domestica. (CARVALHO, 2009, s/n)

Nota-se que Ruy Duarte de Carvalho não pretende apenas evidenciar o discurso do “outro”, do qual ele trata, e diminuir todo o discurso ocidental predominante. O autor parece empenhar-se em promover os encontros e a valorização de todas as culturas – como explícito em *Desmedida* –, seja dentro ou fora do paradigma que ele chama de humanista. Dessa forma, o autor angolano constrói um projeto literário que busca contemplar – mesmo que não munido da teoria de Santos – uma *ecologia dos saberes*, pois, para Ruy Duarte, é preciso haver “a convocação de todos os saberes disponíveis” (CARVALHO, 2009, s/n).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto literário duartiano, portanto, não se faz no intento de “dar voz ao outro” ou apenas em processos de representação de um Outro exótico e não ocidental, como é possível perceber em inúmeros trabalhos etnográficos e literários com uma agenda marcadamente de visibilidade da alteridade. Ao contrário disso, seu projeto de escrita (não só no âmbito literário, mas nas fronteiras das contiguidades, entre literário e etnográfico) se faz nas malhas de uma interlocução, de um diálogo direto

com os pastores Kuvale, com esse “Outro”. Portanto, e parafraseando o poema na epígrafe deste artigo, uma literatura em mãos do Sul para o Sul.

REFERÊNCIAS

ALVERNAZ, Juliana Campos. **Onde mais te vês é lá que mais te diz** – um estudo do narrador em *Os papéis do inglês*, de Ruy Duarte de Carvalho, e *Nove noites*, de Bernardo Carvalho. Dissertação de Mestrado defendida na Universidade Federal Fluminense; orientação de Anita Martins Rodrigues de Moraes, Niterói, 2018.

CARVALHO, Ruy Duarte de. **A Decisão da Idade**. Luanda: União dos escritores Angolanos, 1976.

_____. **Os papéis do inglês**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. **A câmara, a escrita e a coisa dita...**fitas, textos e palestras. Lisboa: Edições Cotovia, Lda, 2008a.

_____. Tempo de ouvir o ‘outro’ enquanto o “outro” existe, antes que haja só o outro... ou pré- manifesto neo-animista in **Podemos viver sem o outro?**. Tinta da China/Fundação Calouste Gulbenkian, 2008b.

_____. **Decálogo neo-animista**. Site Buala, 2009. Disponível em: <http://www.buala.org/pt/ruy-duarte-de-carvalho/decalogo-neo-animista-ruy-duarte-de-carvalho>. Acesso em: 16 de mar. 2016.

_____. **Desmedida – Luanda – São Paulo – São Francisco e volta**. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2010.

CHAVES, Rita. “A desmedida de Ruy Duarte de Carvalho: a viagem como síntese e invenção”. In: **Nação e Narrativa pós-colonial I** – ensaio. Lisboa: Edições Colibri, 2012.

FAEDRICH, Anna. “O conceito de autoficção: demarcações a partir da literatura brasileira contemporânea”. **Itinerários**, Araraquara, n 40, p. 45-60, jan/jun, 2015.

IANNI, Octavio. “A metáfora da viagem”. In: **Enigmas da modernidade-mundo**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003.

KLINGER, Diana. **Escritas de si, escritas do outro**: o retorno do autor e a virada etnográfica. 2ª ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

MAN, Paul de. « Autobiography as de-facement ». **MLN**, v. 94, nº 5, **Comparative Literature**, dez. 1979, pp. 919-30. « Autobiografia como des-figuração ». Trad. Joca Wolf. Revisão de Idelber Avelar. **Sopro** 71. Maio de 2012. Disponível em: www.culturaebarbarie.org/sopro/outros/autobiografia.html#V8MrvNQLQA. Acesso em: 28 de Ago. 2017.

MICELI, Sonia. “**Poetry, Criticism and Autofiction**: Sophia de Mello Breyner Andresen and Ruy Duarte de Carvalho”. IAFA/CES/CLWS, 2013

MOLINA, Aline Tófoli. “Uma curva pela mão esquerda: autoficção e alteridade na trilogia *Os filhos de Próspero* de Ruy Duarte de Carvalho”. **Anais ABRALIC – XIV Congresso Internacional**. Belém, 2015.

ORNELLAS, Sandro. “Ruy Duarte de Carvalho em transumância pelos discursos”. **Revista Eutomia** Ano II – nº03, v. 1, Jul./2009.

PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império**: relatos de viagem de transculturação. Bauru: Edusc, 1999a.

_____. “Pós-colonialidade: projeto incompleto ou irrelevante?”. In: **Literatura e História**: perspectivas e convergências. Bauru, SP: EDUSC, 1999b.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENEZES, Maria Paula (Org). **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez, 2010.